

Nº 5

PRIMAVERA - VERÃO 2000
1.800 ESC.

PESSOA COMO CENTRO
REVISTA DE ESTUDOS ROGERIANOS

APRENDIZAGEM CENTRADA NA PESSOA

Contributo para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers



Fernanda de Mendonça Capelo

“Em verdade, é pouco menos que um milagre que os métodos modernos de educação não tenham ainda estrangulado inteiramente a sagrada curiosidade da inquirição, pois esta delicada planta, além de estímulo, necessita principalmente de liberdade; sem esta, ela é inevitavelmente levada à destruição e à ruína.”

Albert Einstein

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo a obra de Carl Rogers no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa aplicada à educação e que designou por Aprendizagem Centrada no Aluno.

Pretende-se evidenciar a determinante importância do contributo deste autor, da corrente humanista da Psicologia, para uma maior eficácia no processo de aprendizagem, bem como para as Teorias Contemporâneas da Educação.

Como propostas são apresentados os pressupostos fundamentais do modelo da Abordagem Centrada na Pessoa, assim como os seus princípios e atitudes aplicados à Educação.

Palavras-Chave: Abordagem Centrada na Pessoa - Educação - Aprendizagem Centrada no Aluno - Processo de Aprendizagem - Relação Pedagógica - Atitudes Facilitadoras - Qualidade

Abstract: This project was accomplished after a bibliographical research on the works of Carl Rogers on the Person-Centred Approach.

The aim of this communication is to highlight the decisive importance of Rogers' humanistic Psychology and its contribution towards an improvement in the teaching/learning process as well as the Contemporary Theories of Education.

The basic attitudes of Person-Centred Approach model are present as propositions along with its principles and assumptions applied to Education.

Key Words: Person-Centred Approach - Education - Teaching/Learning Process - Pedagogic Relation - Quality - Basic Attitudes

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo a obra de Carl Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa aplicada à educação e que designou por Aprendizagem Centrada no Aluno.

Pretende-se evidenciar a determinante importância do contributo deste autor, da corrente humanista da Psicologia, para uma maior eficácia no processo de aprendizagem, bem como para as teorias contemporâneas da Educação.

Assim, o objectivo fundamental será o de tentar estabelecer uma ponte entre os princípios enunciados por Carl Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada para a Educação e o processo de aprendizagem, partindo do pressuposto de que estes princípios conduzirão a uma melhoria na relação pedagógica e consequentemente do processo de aprendizagem.

Ao tomar esta posição, temos em mente a afirmação de Carl Rogers de que o Sistema Educativo deverá ter sempre como objectivo o desenvolvimento das pessoas, de uma forma plena e, simultaneamente, que as conduza à sua auto-realização (1974: 380).

Não foi por acaso que o autor agora referido considerou que o homem educado é o homem que aprendeu a aprender (Rogers, 1986: 126), e que dentro do Sistema Educativo como um todo, deverá implementar-se um clima propício ao crescimento pessoal do aluno (Rogers, 1986:244). Segundo o autor "*Tem-se de encontrar uma maneira de desenvolver, dentro do sistema educacional como um todo, e em cada componente, um clima conducente ao crescimento pessoal; um clima no qual a inovação não seja assustadora, em que as capacidades criadoras de administradores, professores e estudantes sejam nutridas e expressadas, ao invés de abafadas. Tem-se de encontrar, no sistema, uma maneira na qual a focalização não incida sobre o ensino, mas sobre a facilitação da aprendizagem autodirigida*" (Ibidem).

Como propostas para este trabalho, são apresentadas os pressupostos fundamentais do modelo da Abordagem Centrada na Pessoa, assim como os seus princípios e atitudes aplicados à Educação, no modelo a que Rogers designou por Aprendizagem Centrada no Aluno.

I - A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: Pressupostos Fundamentais

Psicólogo americano, Carl Rogers foi pioneiro no desenvolvimento de métodos científicos que tinham como objectivo o estudo da mudança nos processos psicoterapêuticos, vindo a criar e a desenvolver um modelo de intervenção que designou inicialmente por Terapia Centrada no Cliente.

A Abordagem Centrada na Pessoa foi uma expressão utilizada por Carl Rogers para referir uma forma específica de entrar em relação com Outro, estando implícito um modo positivo de conceptualizar a pessoa humana. Esta expressão representa uma evolução no pensamento de Carl Rogers e no quadro teórico por ele desenvolvido, que foi formalizada na publicação do seu livro *Sobre o Poder Pessoal* (em inglês, *On Personal Power*, 1977), onde explicita a aplicação do seu quadro conceptual aos mais diversos campos (Gobbi et al., 1998: 13).

Na sua evolução, as ideias do autor passam do campo exclusivo da Psicoterapia para serem aplicadas em áreas como os Grupos, as Organizações e a Educação. Ao longo da sua vida Rogers foi clarificando as suas ideias e daí as mudanças de nomenclatura por si operadas fossem consideradas como actualizações do seu modelo teórico (Ibidem).

Progressivamente a filosofia de base humanista, a que está subjacente o quadro conceptual da Abordagem Centrada na Pessoa, foi encontrando eco em pessoas de horizontes profissionais diversos, nomeadamente no domínio da Educação, acabando por se constituir um Movimento que é conhecido actualmente como Abordagem Centrada na Pessoa. Este pode ser definido como integrando três pressupostos de base:

- 1 - Uma concepção do homem alicerçada nos princípios da corrente humanista da Psicologia¹.
- 2 - Uma abordagem fenomenológica que privilegia a experiência subjectiva da pessoa, implicando que o conhecimento que se tem do outro surge a partir da compreensão do seu quadro de referências.
- 3 - Uma forma de entrar em relação que se constitui como um encontro entre pessoas.

Relativamente ao primeiro pressuposto salientamos a expressão de Rogers que afirmou que a Abordagem Centrada tem como principal premissa "*uma visão do homem como sendo, em essência, um organismo digno de confiança*" (1989:16). Por outro lado, dois conceitos foram desenvolvidos por Rogers, e que são considerados como fundamentais para a compreensão do seu modelo e que são a *Tendência Actualizante* e a *Não Directividade*.

1 - Conceito de Tendência Actualizante

A noção de *Tendência Actualizante* é para Rogers o postulado fundamental da Abordagem Centrada na Pessoa, à medida que conduz não só à satisfação das necessidades básicas do organismo, como também às mais complexas. A *Tendência Actualizante* permite, por um lado, a confirmação do *Self*² e, por outro, a preservação do organismo, facultando assim, a consonância entre a experiência vivida e a sua simbolização.

Segundo o autor, sempre que esta consonância não se verifique, a pessoa entra em estado de incongruência³, ou seja, gera-se um desequilíbrio entre a experiência real e a simbólica, o que se traduz num comportamento desajustado, conduzindo a estados de ansiedade, angústia e depressão, os quais, por sua vez, afectam a personalidade e o seu respectivo desenvolvimento.

Rogers definiu o conceito de *Tendência Actualizante* através da seguinte preposição:

"Todo o organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. (...) A tendência actualizante não visa somente (...) a manutenção das condições elementares de subsistência como as necessidades de ar, alimentação, etc. Ela preside, igualmente, actividades mais complexas e mais evoluídas tais como a diferenciação crescente dos órgãos e funções; a revalorização do ser por meio de aprendizagens de ordem intelectual, social, prática..." (Rogers & Kinget, 1977, citado por Gobbi et al., 1998: 144).

2 - Conceito de Não Directividade

O método psicoterapêutico desenvolvido por Rogers ficou conhecido inicialmente por Terapia Não Directiva, tendo posteriormente evoluído para Terapia Centrada no Cliente e mais tarde Abordagem Centrada na Pessoa. A definição de não directividade passa, segundo Rogers, pelo acreditar que "o indivíduo tem dentro de si amplos recursos para autocompreensão, para alterar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento autodirigido" (Rogers, 1989: 16). Em oposição a outros modelos de intervenção, Rogers propõe um que acredita na autonomia e nas capacidades de uma pessoa, no seu direito de escolher qual a direcção a tomar no seu comportamento e sua responsabilidade pelo mesmo (Idem:28).

Nas palavras de Pagès (1976, citado por Gobbi et al., 1998: 104-105)

"A não directividade é, antes de tudo, uma atitude em face do cliente. É uma atitude pela qual o terapeuta se recusa a tender imprimir ao cliente uma direcção qualquer, em um plano qualquer, recusa-se a pensar o que o cliente deve pensar, sentir ou agir de maneira determinada. Definida posteriormente, é uma atitude pela qual o conselheiro testemunha que tem confiança na capacidade de auto-direcção do seu cliente".

Neste sentido a *Não Directividade* pode ser entendida como uma forte subscrição do conceito de *Tendência Actualizante* na medida em que "*É uma confiança de que o cliente pode tomar as rédeas, se guiado pelo técnico, é a confiança de que o cliente pode assimilar insight se lhe for inicialmente dado pelo técnico, pode fazer escolhas*". (Rogers, citado por Raskin, 1998:76)

A atitude não directiva pode ser transmitida através das respostas reflexo de sentimento ou reformulação, que é a forma que o terapeuta utiliza para acompanhar o cliente, sem o dirigir (Raskin, 1998: 77) ou seja acompanhá-lo a partir do seu (cliente) quadro de referências.

Relativamente ao segundo e terceiro pressupostos atrás enunciados, Rogers deu um relevo particular à forma como a pessoa entra em relação com outra.

¹ Esta corrente, enquanto movimento histórico específico, é considerada como a "terceira força em Psicologia" que fundada por Maslow e Rogers, nos Estados Unidos, que aparece em oposição à Psicanálise e ao Behaviorismo, correntes com abordagens reducionistas, que não dão conta daquilo que é a totalidade da existência humana. (Gobbi et al., 1998: 122-123) Caracteriza-se ainda pela visão optimista e confiante com que olha o ser humano. Acredita que o homem contém em si potencialidades para se desenvolver e a falha na sua realização deve-se às influências exercidas pelo meio envolvente (Hall, 1984: 57). Baseia-se em conceitos como Liberdade, Tendência Actualizante e *Self*, enquanto unificador da personalidade humana (Gobbi et al., 1998: 123-124).

² Rogers definiu o conceito de *Self* como sendo "*A configuração experiencial composta de percepções relativas ao eu, as relações do eu com o outro, com o meio e com a vida, em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções. Esta configuração se encontra num estado de fluxo contínuo, isto é muda constantemente, ainda que seja constantemente organizada e coerente*" (Rogers & Kinget, 1977, citado por Gobbi et al., 1998: 138).

³ O termo incongruência é utilizado por Rogers para definir um estado de desacordo entre a experiência vivida, a sua simbolização e os sentimentos que esta desperta. Pode também ser a diferença entre aquilo que a pessoa sente que é e o que deseja ser (Gobbi et al., 1998: 89).

Assim, enumerou e definiu um conjunto de atitudes que considerou facilitadoras do processo de comunicação inter-humana. No caso específico da temática em referência, a qualidade de relação que se estabelece no contexto pedagógico, nomeadamente as atitudes do professor para com o aluno, determinam não só o nível qualidade da aprendizagem, como também o próprio desenvolvimento pessoal do aluno.

Apesar de, na perspectiva de Rogers estas atitudes fazerem parte de um conjunto que deve estar integrado na pessoa do professor, iremos defini-las cada uma *per si*, como forma de melhor explicitarmos o quadro conceptual do autor.

Aceitação positiva incondicional

Esta, traduz-se pela aceitação incondicional da pessoa por parte da outra, tal como ela é, sem juízos de valor ou críticas *a priori* (Rogers, 1985:65). Desta forma, a pessoa pode sentir-se livre (liberdade experiencial⁴) para reconhecer e elaborar as suas experiências da forma como entender e não como julga ser conveniente para o outro. Poderá então sentir que não é necessário abdicar das suas convicções para que os outros a aceitem.

A aceitação positiva incondicional é uma atitude assente na crença no potencial interno humano, derivando do principal conceito proposto por Rogers a *Tendência Actualizante* (Gobbi et al., 1998: 14).

Compreensão empática

Rogers definiu compreensão empática como uma "capacidade de se imergir no mundo subjectivo do outro e de participar na sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal ou não verbal o permite. É a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê". (Rogers & Kinget, 1977, citado por Gobbi et al., 1998: 45).

Assim podemos dizer que a compreensão empática é um processo dinâmico que significa a capacidade de penetrar no universo perceptivo do outro, sem julgamento, tomando consciência dos seus sentimentos, sem no entanto, deixar de respeitar o seu ritmo de descoberta de si próprio (Rogers, 1985:64) e a pessoa sente-se não apenas aceite, mas também compreendida enquanto pessoa na sua globalidade.

Congruência

Finalmente, a congruência pretende indicar o esta-

do de coerência ou acordo interno e de autenticidade de uma pessoa, a qual se traduz na sua capacidade de aceitar os sentimentos, as atitudes, as experiências, de se ser genuíno e integrado na relação com o outro (Rogers, 1985: 63).

Rogers defende que, se estas atitudes, que designou condições facilitadoras, estiverem presentes na relação, a pessoa entra num processo de aceitação de si própria e dos seus sentimentos, tornando-se por isso, na pessoa que deseja ser, mais flexível nas suas percepções, adoptando objectivos mais realistas para si própria e, simultaneamente, torna-se mais capaz de aceitar os outros (Rogers, 1985: 253).

Por outro lado, ao modificar as suas características pessoais básicas de modo construtivo, a pessoa adopta um comportamento mais ajustado à sua realidade (Idem).

Desta forma, uma relação fundada nas atitudes acima descritas pode sintetizar-se nos termos seguintes:

- Respeito
- Confiança
- Aceitação
- Autenticidade
- Tolerância

II - APRENDIZAGEM CENTRADA NO ALUNO: Princípios e Qualidades

A Aprendizagem Centrada no aluno (ou a aplicação da Abordagem Centrada na Pessoa à Educação) é claramente explicitada por Carl Rogers em duas obras fundamentais "Liberdade para Aprender" (1973, 2ª Edição) e "Liberdade de Aprender na Nossa Década" (1983, 1ª Edição), nas quais desenvolve as suas ideias sobre as formas mais adequadas de facilitar o processo de aprendizagem, apesar de ao longo da sua obra ter reflectido inúmeras vezes sobre esta temática.

Rogers apresenta um modelo educativo que se pode considerar no mínimo inovador, pois o centro das suas considerações é a pessoa do aluno, em contraste com um modelo tradicionalista em tudo gira à volta da figura do professor. Podemos considerar que o autor faz uma autêntica revolução copérnica no campo da educação.

Das obras consultadas podemos destacar alguns

princípios definidos pelo autor como fundamentais para o desenvolvimento do processo de aprendizagem:

1. O ser humano contém em si uma potencialidade natural para a aprendizagem (Rogers, 1986: 28).
2. Não podemos ensinar, apenas podemos facilitar a aprendizagem (Rogers, 1974: 381).
3. A aprendizagem significativa⁵ acontece quando o assunto é percebido pelo aluno como relevante para os seus propósitos, o que significa que o aluno aprende aquilo que percebe como importante para si (Rogers, 1974: 382).
4. A aprendizagem que implique uma mudança ameaçadora na percepção do *self*, tende para a resistência (Rogers, 1974: 383).
5. As aprendizagens são melhor apreendidas e assimiladas quando a ameaça externa ao *self* é reduzida ao mínimo (Rogers, 1974: 384).
6. A maioria das aprendizagens significativas são adquiridas pela pessoa em acção, ou seja, pela sua experiência (Rogers, 1986: 136-137).
7. A aprendizagem qualitativa acontece quando o aluno participa responsavelmente neste processo (Rogers, 1974: 390).
8. A aprendizagem que envolve a auto-iniciativa por parte do aluno e a pessoa na sua totalidade, ou seja, dimensões afectiva e intelectual, torna-se mais duradoura e sólida (Ibidem).
9. Quando a autocrítica e a auto-avaliação são facilitadas, e a avaliação de outrem se torna secundária, a independência, a criatividade e a auto-realização do aluno tornam-se possíveis (Rogers, 1974: 404-405).
10. A aprendizagem concretiza-se de forma plena quando o professor é autêntico na relação pedagógica (Rogers, 1986: 11).
11. Para uma aprendizagem adequada torna-se necessário que o aluno aprenda a aprender, quer dizer que, para além da importância dos conteúdos, o mais significativo para Rogers é a capacidade do indivíduo interiorizar o processo constante de aprendizagem (Rogers: 1986:126).

Para que estes princípios estejam presentes na relação pedagógica é fundamental que o professor se torne no que Rogers designou por facilitador do proc-

esso de aprendizagem. E para que tal aconteça é essencial que haja uma segurança por parte de quem educa que lhe permita acreditar na pessoa do aluno, na sua capacidade de aprender e pensar por si próprio (Rogers, 1983, citado por Gobbi et al., 1998: 26).

Para além de enunciar os princípios que facilitam o processo de aprendizagem, Rogers propõe também um conjunto de qualidades que considerou como fundamentais para a transformação de um professor num facilitador da aprendizagem.

A primeira qualidade refere-se à Autenticidade do facilitador, que Rogers considerou como a mais básica e que designa como a capacidade de o facilitador ser real, sem máscara nem fachada na relação com o aluno (Rogers, 1986: 128). Desta forma, o autor critica o ensino tradicional na medida em que o professor é um actor, representando um papel e não pessoa autêntica (Idem: 128). A proposta de Rogers traduz-se numa relação de pessoa para pessoa e não de um papel de professor para um papel de aluno.

A segunda qualidade, a que Rogers designou por Aceitação e Confiança e que se expressa numa capacidade de aceitar a pessoa do aluno, os seus sentimentos, as suas opiniões, com valor próprio e confiar nele sem o julgar. É uma confiança no organismo humano e uma crença nas suas capacidades enquanto pessoa (Rogers, 1986: 130), ou seja,

"Se os professores aceitam os alunos como eles são, permitem que expressem seus sentimentos e atitudes sem condenação ou julgamentos, planejam actividades de aprendizagem com eles e não para eles, criam uma atmosfera de sala de aula relativamente livre de tensões e pressões emocionais, as consequências que se seguem são diferentes daquelas observadas em situações onde essas condições não existem. As consequências, de acordo com as evidências actuais, parecem ser na direcção de objectivos democráticos" (Rogers, citado por Gobbi et al., 1998: 27).

Finalmente, a terceira qualidade refere-se à capacidade de compreender empaticamente o aluno, ou seja, compreendê-lo a partir do seu quadro de referência interno. Nas palavras de Rogers, a compreensão empática acontece "Quando o professor tem a capacidade de compreender internamente as reacções do estudante, tem uma consciência sensível da maneira pela qual o processo de educação e aprendizagem se

⁴ O termo liberdade experiencial (*experienting*, em inglês) procura traduzir uma modalidade da experiência, mais do que um conteúdo específico. Esta liberdade existe quando o indivíduo se sente livre para elaborar as suas experiências e os seus sentimentos pessoais, sem que isso implique perder o afecto das pessoas significativas (Kinget & Rogers, 1977: 46-47)

⁵ Rogers definiu aprendizagem significativa como aquela que utiliza todas as nossas capacidades, ou seja "combina o lógico e o intuitivo, o conceito e a experiência, a ideia e o significado" (Rogers, 1986: 30).

apresenta ao estudante" (Rogers, 1986: 131).

Estas qualidades enunciadas por Rogers não são mais do que uma adaptação à educação das atitudes facilitadoras da mudança, propostas pelo autor no seu modelo psicoterapêutico, sendo ele mesmo o primeiro a reconhecê-lo, afirmando que a educação é uma forma de relação de ajuda, na medida em que permite que alguém cresça e se desenvolva (Rogers, 1974: 377).

Resumindo, podemos dizer que, de acordo com o modelo proposto por Rogers, os princípios e as atitudes atrás enunciados permitem não só o desenvolvimento intelectual do aluno, como também o seu crescimento enquanto pessoa total, promovendo a aprendizagem significativa e a interiorização do processo de aprender.

III - ENSINAR E APRENDER - duas faces da mesma moeda no modelo da Aprendizagem Centrada no Aluno

De acordo com as definições estabelecidas ensinar é a acção de comunicar um conhecimento, habilidade ou experiência a alguém, com a finalidade de que este o aprenda, utilizando para isso um conjunto de métodos, técnicas e procedimentos que se consideram apropriados⁶.

Segundo Hipólito (s/d: 180), aprender e ensinar, na língua portuguesa significa "uma relação assimétrica, um saber-suposto ou saber real, capitalizado, susceptível de ser transmitido numa operação económica estranha, na qual o que dá ou vende "saber" conserva intacto o capital, mas transforma a relação de poder que o capital significa".

Rogers definiu aprendizagem como sendo uma "insaciável curiosidade" inerente ao ser humano e que a sua essência é o significado (Rogers, 1986:28-30), o que significa que o foco está no processo e não no conteúdo da aprendizagem. O professor deve ter em conta que os alunos aprendem aquilo que para eles é significativo. Por essa razão, a passividade muitas vezes vivida na sala de aula, produto e produtora de desinteresse, é um dos maiores inimigos de uma aprendizagem eficaz.

Assim, e de acordo com o modelo proposto por Rogers, é importante que o professor tente encontrar o fio condutor que orienta o aluno, ou seja, ir ao encontro do que o aluno tenta compreender e, se necessário, reformular conhecimentos e o método de ensinar. O objectivo primordial deste modelo é o de

que o aluno abandone a passividade e adquira um papel activo, de intervenção no seu próprio processo de aprendizagem, o que significa que a aprendizagem deixa de estar centrada no professor, para passar a estar centrada no aluno.

O acto de aprender é sempre um acto individual, o que significa que aquilo que se aprende, adquire em cada pessoa um sentido e um significado próprios. Deste modo, as aprendizagens do aluno serão sempre diferentes, devendo as mesmas ser respeitadas pela pessoa do professor.

Sendo assim, um professor que se limite a expor uma série de conhecimentos aos seus alunos, baseando-se exclusivamente na transmissão dos mesmos, não conseguirá certamente ensinar, pois poderá correr o risco de não haver uma verdadeira compreensão das matérias, pese embora os bons resultados provenientes de exames ou testes, fruto de um trabalho de memorização e mecanização.

Tal facto não é necessariamente sinónimo de qualidade, nem de aprendizagem, considerando que o termo significa "processo que conduz a uma mudança relativamente permanente no comportamento como resultado da experiência passada" (Sprinthall, 1993:596).

Neste sentido, aprender traduz-se num processo de construção, no qual o aluno tem um papel decisivo na construção do seu conhecimento e onde o professor será o orientador, ou melhor, o facilitador desse processo, na medida em que o coordena e tutela.

Ensinar requer, assim, e de acordo com este modelo, um nível de maturidade e segurança por parte do professor, que lhe permita, por um lado, diminuir a assimetria do seu poder enquanto docente, partilhando a responsabilidade do processo de aprendizagem e, por outro, acreditar na capacidade de aprender e pensar por si próprio do aluno (Rogers, 1986: 194).

Por tudo o que foi referido, aprender é um processo dinâmico, que exige concentração, interesse, empenhamento e motivação, e por tal razão é importante que as relações de cooperação e participação entre professor e alunos estejam presentes.

De acordo com esta abordagem, o aluno passa assim a ter uma participação activa e interventiva na escola. O que não significa que o professor abdique da sua responsabilidade, mas sim que permite ao aluno ter um papel activo no seu processo de aprendizagem, na qual é co-responsável.

A classe poderá, deste modo, transformar-se num grupo de pessoas, deixando os alunos de ter os olhos

postos exclusivamente no professor, para passarem a olhar uns para os outros de forma interactiva. Deixam de ser um agregado de indivíduos que estão lado a lado, sem direito a comunicar, para passarem a ser um organismo vivo, em que todos os membros mantêm relações entre si.

CONCLUSÃO

O modelo educativo proposto por Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa e que designou por Aprendizagem Centrada no Aluno, tem como objectivo principal permitir ao aluno uma participação activa no seu processo de aprendizagem, ou, se quisermos, no seu processo de crescimento pessoal, no pressuposto de que esta cooperação melhora a eficácia da acção pedagógica.

Neste sentido, entendemos que a qualidade da aprendizagem e o acto de aprender, não dependem apenas de um suposto coeficiente de inteligência ou do domínio de métodos e técnicas de estudo, mas sim de um ambiente (clima) que seja facilitador dessa aprendizagem e crescimento.

Como a qualidade do processo aprendizagem passa, por um lado, pela construção de uma relação pedagógica, com base na aceitação e compreensão da pessoa do aluno e, por outro, pelo pressuposto de que o aluno contém em si potencialidades para aprender e como tal terá motivação para o fazer, o papel do professor facilitador será, assim, o de estimular e desenvolver as potencialidades do aluno e simultaneamente manter a motivação necessária ao seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

Desta forma, escola e professores podem ter um papel importante na descoberta dos interesses dos alunos e desenvolvê-los de forma a criar hábitos de pesquisa, que lhes permitam manter a motivação para aprender e encontrar métodos de estudo adequados às suas próprias necessidades. Mas, não basta enunciar estes princípios que à primeira vista, se nos afiguram harmoniosos. É necessário pô-los em execução, o que não deixa de exigir um esforço permanente por parte de quem educa. Nas palavras de Rogers (1986: 326, 327):

"Uma abordagem desse tipo, centrada na pessoa, é uma filosofia que se acha em consonância com os valores, os objectivos e os ideais que historicamente constituíram o espírito da nossa democracia. (...) Ser plenamente humano, confiar nas pessoas, conceder liberdade com responsa-

bilidade não são coisas fáceis de atingir. O caminho que apresentamos constitui um desafio. Envolve mudanças em nosso modo de pensar; em nossa maneira de ser; em nossos relacionamentos com os estudantes. Envolve uma dedicação difícil a um ideal democrático".

BIBLIOGRAFIA

- BRODLEY, Barbara Temaner, "O Conceito de Tendência Actualizante na Teoria Centrada no Cliente", in *A Pessoa como Centro - Revista de Estudos Rogerianos*, Nº 2, Novembro/98
- BRODLEY, Barbara Temaner (s/d), *A Client-Centered Psychotherapy Practice*, Illinois School of Professional Psychology, Chicago, USA, Internet
- Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Lisboa, Editorial Notícias, 1996
- GOBBI, Sérgio Leonardo, MISSEL, Sinará Tozzi (Org.) (1998) *Abordagem Centrada na Pessoa: Vocabulário e Noções Básicas*, Editora Universitária UNISUL
- HIPÓLITO, João (s/d), *Abordagem Centrada e a Pedagogia*, artigo amavelmente fornecido pela Associação Portuguesa de Psicoterapia Centrada na Pessoa e Counseling, Lisboa
- HALL, Calvin S. et al. (1984), *Teorias da Personalidade*, 18ª. Edição, S. Paulo, Editora Pedagógica e Universitária
- KINGET, Marian, ROGERS, Carl (1977), *Relações Humanas e Psicoterapia*, Belo Horizonte, Interlivros
- RASKIN, Nathaniel, *O Desenvolvimento da Terapia Não Directiva*, in *A Pessoa como Centro - Revista de Estudos Rogerianos*, Nº 1, Maio/1998
- ROGERS, Carl (1974) *A Terapia Centrada no Paciente*, Lisboa Moraes Editores
- ROGERS, Carl (1985), *Tornar-se Pessoa*, 7ª. Edição, Lisboa, Moraes Editores
- ROGERS, Carl (1973) *Liberdade para Aprender*, 2ª. Edição, Belo Horizonte, Inter Livros de Minas Gerais
- ROGERS, Carl (1986), *Liberdade de Aprender em Nossa Década*, 2ª. Edição, Porto Alegre, Artes Médicas
- ROGERS, Carl (1983), *Um Jeito de Ser*, 3ª. Edição, S. Paulo, Editora Pedagógica e Universitária
- ROGERS, Carl (1989) *Sobre o Poder Pessoal*, 3ª. Edição, S. Paulo, Martins Fontes Editora
- SPRINTHALL, Norman et al. (1993) *Psicologia Educacional - Uma Abordagem Desenvolvimentista*, Lisboa, Editora McGraw Hill de Portugal

⁶ Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, p. 251

